

PALÁCIO ITAMARATY, BRASÍLIA, DF, 9 DE NOVEMBRO DE 1999

*Senhor Ministro da Agricultura, Doutor Marcos Vinícius Pratini de Moraes; Senhor Presidente da União Brasileira de Avicultura, Zoé Silveira d'Avila; Senhor Presidente da Associação Brasileira de Exportadores de Frango, Luís Fernando Furlan; Senhor Presidente da Associação Latino-Americana de Avicultura, Doutor Fernando Ikeda; Senhoras e Senhores,*

Em primeiro lugar, eu queria confessar que, até quase o final, estava temeroso de falar, porque não sabia se estava em uma associação brasileira ou gaúcha de avicultura. No finalzinho, a quem recebeu o prêmio pelo seu desenvolvimento de pesquisa, perguntei, aqui, baixinho, se ele também era gaúcho. E ele me disse, para meu desapontamento, que não era. Era paulista. Aí me animei, porque já ia pedir ao Doutor Zoé perdão para dizer que tenho um pouquinho de gaúcho também, porque escrevi meus primeiros trabalhos sobre o Rio Grande do Sul. Passei algum tempo trabalhando lá, em Pelotas, em Rio Grande, em Porto Alegre. De modo que eu me sentia não tão atemorizado de falar diante de uma platéia numerosa de avicultores e de gaúchos, que são sempre gente empreendedora, como vimos aqui.

Dito isso, quero expressar minha alegria de poder ter estado aqui, nesta solenidade de abertura, tão agradável, tão simpática, de ter ouvido o discurso do Doutor Zoé, com entusiasmo, dizendo ele que ia tropeçar. Não vi tropeço nenhum, pelo menos na linha de raciocínio, que foi direto. E ele disse uma coisa com a qual concordo totalmente: devia ter falado de improviso o tempo todo. Certamente, o Governo ia receber um pouco mais de crítica. Mas, por outro lado, ia receber também um encorajamento mais direto da parte dele, porque se vê que é uma pessoa de boa-fé, de entusiasmo e que luta para que o Brasil avance e para que a agricultura possa seguir prosperando.

Alegra-me muito ter ouvido os números que aqui foram citados sobre a participação da avicultura nos últimos 25 anos no Brasil, que, na verdade, de alguma maneira, espelham aquilo que, apesar de um certo pessimismo que, por vezes, empolga a opinião brasileira, se encontra em vários setores do país.

O fato é que houve crescimento. O fato é que o Brasil está se transformando. O fato é que, apesar de todas as dificuldades, que são inegáveis e são muitas, temos conseguido avançar. Agora, que estamos nos aproximando do final deste século, seguramente muitos se dedicarão a fazer um retrospecto do século e vão ver que o Brasil mudou. Mudou fortemente e mudou para melhor. Em quaisquer dos indicadores que se olhem, ou melhor, por quaisquer dos indicadores que se queira avaliar o que tem acontecido no Brasil, vê-se que, efetivamente, as transformações são profundas.

Ainda recentemente, estava lendo um relatório comparando o Brasil com outros países do mundo neste século. Até 1980 – porque o dado ia só até aí –, só o Japão tinha tido um crescimento mais rápido do que o Brasil. Só o Japão. Não sei o balanço no final do século. O Japão, seguramente, tem um crescimento muito expressivo. Não sei, comparativamente, a quantas andaremos. Mas isso mostra, com certa simplicidade, que, com todas as dificuldades, temos avançado.

Quando nasci, um pouquinho depois do Doutor Zoé, o Brasil era um país que se dizia eminentemente agrícola. E era. Uma agricultura precária. Pecuária extensiva. É verdade que já havia um desenvolvimen-

to grande em certos produtos de exportação e um passado também na cana, no café. Mas era um país agrícola que tinha, talvez, quase 80% da população no campo. Hoje, isso se inverteu. Hoje, temos o oposto.

Quando se olha para os índices de analfabetismo, é a mesma coisa. Ainda recentemente, estava olhando alguns índices, porque tenho que fazer uma exposição no exterior, dentro de poucos dias. E aquele índice que mais nos humilhava – e continua –, que é o analfabetismo, quando é elevado é um sintoma trágico para um país. Com todas as dificuldades, quando olhamos o índice de analfabetismo para quem tem de 6 a 16 anos, ele caiu para 4%. Isso é importante, porque significa que, daqui por diante, os índices vão cair. Não é isso? No futuro, será esse o índice. Daí para baixo.

E quando se olha o índice global, ainda assim ele é alto, mas é de 16%. Certamente, lá pelos idos em que nasci, os dados eram muito mais desanimadores. Estariam por volta – eu não sei – de 60, 70%. São dados simples, que mostram algumas transformações. E tão importante quanto ver linearmente essas questões é verificar o que tem acontecido em certos setores específicos.

Apesar dos pesares, no setor agrícola temos tido um desenvolvimento bastante acentuado. E por trás desse desenvolvimento temos sempre que olhar, primeiro, um certo espírito de empreendimento, sem o qual as coisas não avançam. Se não há um espírito de risco, se não há um espírito de aventura, se não há uma vontade de fazer, as coisas não avançam.

Mas não basta ter vontade de fazer. É preciso poder fazer. E para poder fazer é preciso que haja uma mão-de-obra que seja mais capacitada, e quanto mais capacitada, melhor ela será. E é preciso que haja um desenvolvimento científico e tecnológico.

Por trás dessas transformações, e se olharmos especificamente no âmbito da agricultura, vamos sempre encontrar algum ou alguns institutos de pesquisa que marcaram o desenvolvimento do Brasil. E algumas universidades também. Seja o Instituto Agrônomo, em certa fase de São Paulo; seja a Embrapa, que é o orgulho do Brasil; sejam as faculdades de agronomia, que existem aqui e ali; sejam as escolas técni-

cas, por todos os lados se vê que o avanço se deveu a algum órgão de pesquisa.

Ainda hoje, o Ministro Pratini de Moraes, numa reunião que tivemos, essa manhã, com alguns ministros, mencionava a “vassoura de bruxa” e o caso do cacau. Estamos tentando vencer a praga da “vassoura de bruxa”. Por quê? Porque temos a Comissão Executiva do Plano de Lavoura Cacaueira (Ceplac) lá. E, lá, há pesquisadores que estão discutindo e estão fazendo avançar.

Hoje, podemos plantar e melhorar ainda mais a produtividade do milho. Se podemos plantar a soja aqui, nesse cerrado brasileiro, que se incorpora, crescentemente, à produção nacional, é porque, por trás disso, houve muito pesquisador, neste caso, especificamente, na Embrapa. E quanta gente, ali, foi capaz de desenvolver sementes novas, de desenvolver formas de hibridação, técnicas de plantio, treinamento de mão-de-obra, técnicas de irrigação, num movimento incessante. Isso que é importante.

Ouvi o Doutor Zoé com deleite e atenção. E me lembrava, quando o Senhor falava a respeito do que está acontecendo com o tomate, do que está acontecendo com o frango e com tantos produtos que estão entrando numa linha de processamento industrial. Recentemente, vi, em Rio Verde, aqui em Goiás, uma fábrica de tomate nessas circunstâncias, como há outras mais, de outras empresas, também nessas circunstâncias. E, certamente, se vê em outros produtos. Dá até a impressão de que estamos aplicando, de modo moderno, o que na economia de produção, na economia manufatureira, se chamava *putting out system*. É um *putting out system* moderno. *Putting out system* era o sistema em que os operários trabalhavam em casa e, na manufatura, se juntava aquilo tudo e se fazia o produto. E havia, ainda, uma passagem que não estava completada, entre o mundo rural e o mundo urbano.

Só que esse *putting out system* moderno é diferente. É o oposto disso. É o mundo industrial que vai ao campo, e que, indo ao campo, tem certas condições de plantio e aperfeiçoa, exige qualidade e faz com que haja uma grande dispersão dos produtores. E o produto é o resultado não apenas daquilo que está ali, na unidade de produção fabril, mas é o

resultado de uma produção em série, com alta tecnologia, com desenvolvimento, que se espalha pelo campo afora.

É um novo mundo. Estamos assistindo à formação de um novo mundo rural no Brasil. Um novo mundo rural. Esse novo mundo rural não pode mais ser pensado, como foi, no passado, no tempo das grandes plantações, de grande concentração de propriedade e de baixa qualidade de produção, de baixa qualidade de produtividade. Esse mundo novo é diferente. É um mundo em que cabe, certamente, como acabamos de ver, a empresa de alta produtividade agrícola, que vai exportar, a empresa pecuária, leiteira ou o que seja, mas que dá espaço, também, até para a produção agrícola familiar, que é muito importante, porque ela dá melhor condição de vida para a população, dá bem-estar. Ela permite que a população, antes abandonada no campo, tenha algum treinamento e participe desse processo de melhoria de vida, pela melhoria da qualificação, pela melhoria da produtividade.

Se há algum setor no qual o Governo se empenha, e eu, em especial, me empenho, é exatamente na questão da unidade familiar de produção. Estamos destinando, esse ano – e o ministro me corrigirá se eu errar no número – 3,4 bilhões de reais para financiar o Programa Nacional da Agricultura Familiar, o Pronaf, que é a unidade de produção familiar. Isso produz, no decorrer do tempo, uma transformação essencial. Melhora a qualidade de vida e melhora a qualificação, porque temos programas, também, do Proger Rural, o Programa de Geração de Emprego e Renda Rural, que melhora a qualificação do trabalhador.

Isso não existia. Esse programa foi criado em 95 ou 96, nesta amplitude, para atender a milhões de pessoas. Devemos estar nos aproximando de 1 milhão de famílias. Portanto, são 4, 5 milhões de pessoas. É pouco, ainda, mas já começa a existir.

Estamos criando um novo mundo rural. Esse novo mundo rural já não vai mais conter, como no passado, aquela oposição drástica entre campo e cidade. Este Brasil com o qual estamos passando para o próximo século já não é mais aquele em que o campo era uma coisa e a cidade era outra, e se opunham; a indústria é uma coisa, a agricultura é outra, e se opõem. Hoje, não. Hoje, existe muito mais uma superposi-

ção, uma interconexão, e não podemos mais pensar o campo com as categorias antigas. Temos que pensá-lo com categorias novas. E, para pensá-lo com categorias novas, temos que fazer o que foi feito aqui: discutir com amplitude de espírito. Isso vai interferir na atividade do campo e, mais tarde, na qualidade de vida daquele que está lá trabalhando e plantando, na reforma agrária que os senhores deputados estão discutindo na Câmara hoje. Queiram ou não queiram, saibam ou não saibam – eles sabem, há muitos aqui –, isso vai ter uma consequência enorme sobre a produção.

Não quero discutir qual é a forma, se se vai taxar ou não tal ou qual questão, se o ICMS vai continuar com cascata ou sem cascata – e tomara que seja sem cascata – etc. Mas tudo passa a ser relacionado. E passa a ser relacionado e ter efeito quase imediato, porque também faz parte do mundo contemporâneo essa imediatez de tudo. Se se pode falar em globalização deixando o ângulo meramente econômico é quando se entende que a globalização é a consequência de uma revolução dos meios de transportes, mas, sobretudo, dos meios de comunicação. E a diferença entre tempo e espaço é enorme. A noção de tempo e espaço do passado é completamente diferente da noção de tempo e espaço de hoje. Então, tudo tem efeito imediato, e a vida rural tem efeito sobre a cidade, e vice-versa.

Ainda recentemente, fui a Alto Taquari, no Mato Grosso, para assistir à primeira carga transportada pela Ferronorte, que saiu do coração daquele estado para, pela primeira vez, se ligar com o mar. Não tenho nada contra a agricultura, nem contra a terra, mas acho que o mar existe também e, como sou Presidente da República, tenho que pensar nos pescadores também, tenho que pensar nos que vivem da pesca e da exportação, que dependem do mar.

Essa imigração sai de Alto Taquari, sai do Mato Grosso e vai até Santos ou Sepetiba. Lá, no Alto Taquari, há plantações imensas de algodão, de soja, plantações imensas. E alguma criação, com *chips*, com ligação com satélite. E o homem que está lá no campo, lá no computador, fica sabendo como é que está a Bolsa de Chicago.

Amanhã, se o Ministro fizer tudo o que ele me disse que vai fazer, essa produção vai poder ser financiada até a futuro, através desse jogo

das Bolsas de Futuro, e o homem que está lá no campo, na verdade, está ligado com São Paulo, com Chicago, com o que mais seja para que ele possa formar o preço dele e para que possa reagir, para que possa plantar menos ou plantar mais.

Então, hoje, temos esse mundo que é diferente, que é novo. E os Senhores que estão aqui, em um congresso de avicultura, estão na vanguarda desse processo. Estão na vanguarda porque estão, realmente, em um setor onde houve uma modificação imensa. Esses números aqui são consequência disso. São consequência de um setor ligado à produtividade, de um setor que está realmente entendendo os ares do mundo e que, porque está entendendo os ares do mundo e dele participando, pôde baixar consideravelmente o preço e, portanto, beneficiar o consumo, beneficiar o povo e ajudar enormemente no combate à inflação.

Hoje, não há mais possibilidade de separar as coisas. Temos que estar sempre imaginando a vanguarda, olhando o futuro. Espero que, neste congresso, os Senhores continuem a discutir o futuro da avicultura, o futuro do Brasil, as transformações que precisam ser feitas, o balanço das que já foram feitas.

Mas, sobretudo – e termino com isso –, que renovem a esperança. O povo não pode viver se não tem horizonte. Ou melhor, até pode. Mas vive mal. Vive sem poder se organizar.

Por mais duras que sejam as condições de vida no mundo contemporâneo, elas são menos duras do que as condições de vida do passado. Esse povo requer não só imaginação, mas sonho, esperança. Não podemos deixar, nunca, de acreditar. E se temos um país como este, que foi capaz dessas transformações – e aqui foram homenageados o político que se dedica à questão, o empresário que se dedica à tecnologia, o pesquisador que descobre na mesma direção – se todos formos capazes de juntar tudo isso e se podemos estar aqui, convivendo em um ambiente aberto e democrático, se podemos ter a alegria de poder conversar uns com os outros, independentemente das nossas hierarquias, *status* e tudo o mais, é porque acreditamos em alguma coisa que é maior do que tudo isso: acreditamos em nós próprios, no nosso povo e no nosso país. E os senhores são parte deste país.

Com isso, não quero fugir da responsabilidade que o Presidente tem e que o Governo tem. Mas quero dizer que, para continuarmos avançando, vamos precisar, cada vez mais, da cooperação de todos.

Agradeço muito a oportunidade de nos termos visto com esperança, com alegria, apesar das dificuldades, e com a certeza de que o amanhã será melhor.

Muito obrigado.